



# Raia Jamanta, versão 2.0

As jamantas que ocorrem na Laje de Santos, continuam denominadas como *Manta birostris*



Antes considerada como uma única espécie de distribuição global, a raia-jamanta gigante conta agora com duas espécies em sua classificação. Conheça as diferenças entre elas

Maurício Andrade

**A raia-jamanta** gigante é a maior raia do mundo e um dos maiores peixes do planeta, mas apesar de seu enorme tamanho, a história de sua classificação biológica é muito controversa. Diversos nomes científicos já foram aplicados, questionados e posteriormente ignorados pela suposição de que todos eles se referiam a uma única espécie: *Manta birostris*. Isso em parte, é culpa de seu próprio tamanho. Devido às suas enormes dimensões, pouquíssimos exemplares encontram-se preservados inteiros ou em boas condições em museus para permitir um estudo comparativo em escala mundial. Além disso, os poucos pesquisadores que se dedicaram a estudar estes animais até o hoje, sempre o fizeram através da observação de populações locais, cada qual com o seu grupo de indivíduos de estudo pertencendo a mesma variedade e impossibilitando assim a comparação entre diferentes populações ao redor do mundo. Porém, a bióloga norte-americana Andrea Marshall, começou a estudar as raias-jamanta em um local muito especial, ainda que ela não tivesse conhecimento deste fato no início de seu doutorado.

A costa de Moçambique, no Oceano Índico, é um dos poucos lugares do mundo onde as duas espécies de raias-manta gigantes ocorrem em simpatria, em outras palavras: vivem juntas.

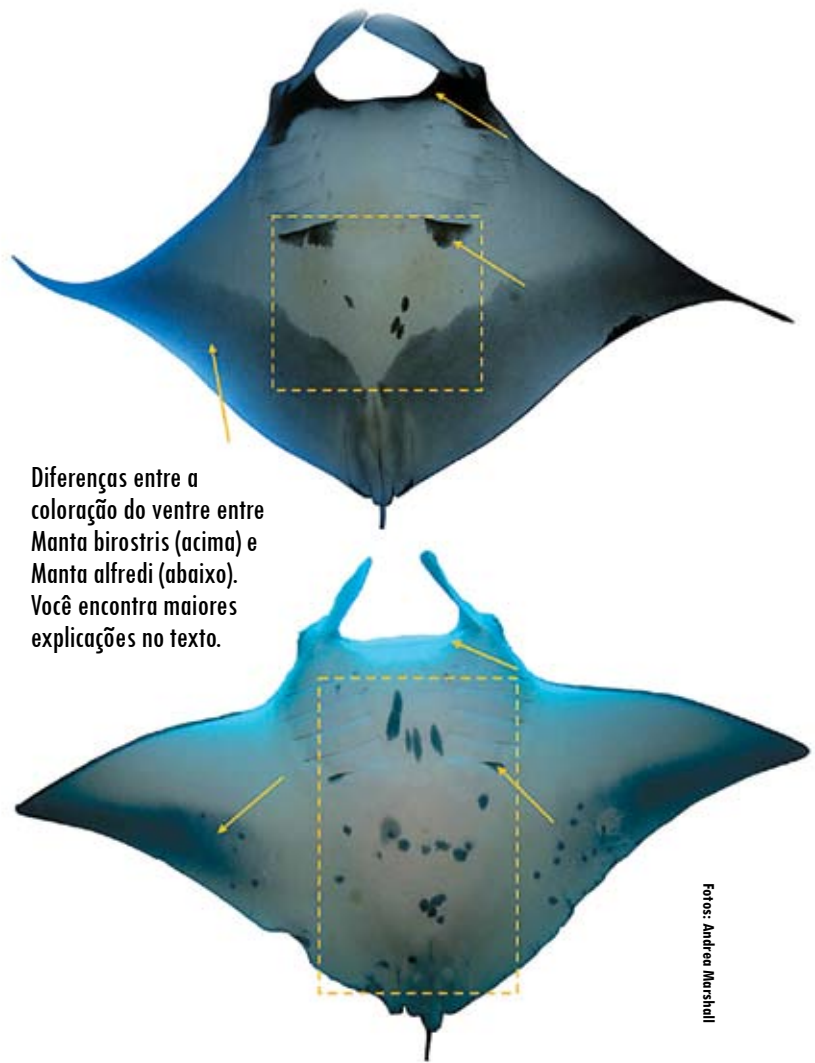
Andrea teve a oportunidade única de observar lado a lado, no mesmo local, as duas espécies de jamantas gigantes e as diferenças então se tornaram visíveis. Basicamente, uma das espécies é maior e com hábitos mais oceânicos e migratórios, enquanto outra é menor, tende a residir em um mesmo local e está mais associada a águas costeiras em recifes de coral. A espécie maior e migratória foi a que reteve o nome de *Manta birostris*. A espécie menor e associada a recifes de corais foi nomeada como *Manta alfredi*. Nem sempre a identificação de uma nova espécie implica com que o pesquisador tenha a liberdade de dar a ela o nome que queira. Em alguns casos, como este da raia-jamanta, há uma grande fila de nomes utilizados anteriormente e sinonimizados como *Manta birostris* por se achar que se tratava uma única espécie. Assim, a bióloga precisou realizar uma enorme pesquisa para identificar o primeiro

exemplar descrito pela ciência que pertence à nova espécie e verificar qual o nome que foi dado na época. Este nome então volta a valer e dizemos que a espécie foi revalidada. Andrea precisou “voltar no tempo” até 1868 para localizar o nome, quando o primeiro exemplar da *Manta alfredi* foi descrito a partir de um exemplar capturado nas proximidades da Baía de Sydney, na Austrália.

Além das diferenças no tamanho que atinge, a *Manta birostris* pode chegar a 7 metros de envergadura, enquanto a *Manta alfredi* pode medir “apenas” 5 metros e meio. Outras diferenças são perfeitamente possíveis de serem identificadas pelo mergulhador. A principal delas diz respeito à coloração. Basicamente, as marcas ventrais em *Manta birostris* consistem em manchas mais irregulares, além disso, as manchas ficam restritas ao abdômen do animal e não são vistas na região entre as guelras (cabeça) da raia. Já na *Manta alfredi*, as marcas formam pontos circulares, relativamente pequenos e espalhados se comparados com a *birostris*, e estes pontos geralmente se espalham por todo o ventre até a região localizada entre as guelras do animal. A *Manta birostris* também é facilmente identificada pela borda mais escura, meio degradê, localizada na parte de baixo por a toda a extensão de suas nadadeiras, enquanto na *Manta alfredi* o ventre é mais branco, e a borda escura, quando presente, é restrita às pontas das nadadeiras. A mancha clara que a raia-jamanta apresenta nos “ombros” também é diferente. Na *Manta birostris* ela é mais triangular e com a ponta em forma de gancho voltada para fora, enquanto na *Manta alfredi* a ponta da mancha apresenta um gancho levemente voltado para dentro.

Além destas diferenças visuais mais óbvias ao observador casual, há outras características que interessam mais aos biólogos do que aos mergulhadores, como formato das escamas e dos dentes, tamanho dos cláspere (órgãos genitais masculinos) e diferenças genéticas entre as duas espécies. Ambas as espécies ocorrem em todos os oceanos, porém, há uma clara predominância de *Manta birostris* no Oceano Atlântico e na costa Americana do Pacífico, enquanto a *Manta alfredi* é muito mais comum nos Oceanos Índico, Pacífico Ocidental e nas Ilhas do Pacífico Central.

Com esta nova divisão, as estratégias de manejo para a conservação das jamantas gigantes devem ser reavaliadas, pois devido às diferenças comportamentais, os estudos realizados em uma determinada localidade talvez não sejam aplicáveis globalmente, reforçando o estudo específico de cada população identificada de jamantas gigantes no mundo. Isso apenas reforça a importância dos estudos realizados pelo Instituto Laje Viva sobre as




Diferenças entre a coloração do ventre entre *Manta birostris* (acima) e *Manta alfredi* (abaixo). Você encontra maiores explicações no texto.

Fotos: Andrea Marshall



Diferenças na marca dorsal entre *Manta birostris* (A) e *Manta alfredi* (B).

jamantas que ocorrem na laje de Santos (veja coluna edição agosto 2008). Afinal, a própria autora desta descoberta esteve em Santos em julho do ano passado para ver nossas raia de perto com o apoio da equipe do Laje Viva. Ainda segundo a pesquisadora Andrea Marshall, existe a possibilidade de uma terceira espécie de jamanta restrita ao mar do Caribe, porém poucos exemplares desta variedade foram estudados para chegar a uma conclusão mais concreta. Por enquanto é apenas assunto para o próximo capítulo. 

Osmar “Mindu” Luiz Jr é biólogo marinho, diretor científico do Instituto Laje Viva e autor da Prancheta de Identificação de Peixes Recifais do Brasil.